



# lagoa miúda

Neno Moura



gueto editorial

# Lagoa Miúda

Neno Moura



**selo gueto editorial**

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins  
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **Neno Moura, 2018**

**Coleção #breves | Livro 16**  
Selo Gueto Editorial ® 2018

**Edição e projeto gráfico**  
Rodrigo Novaes de Almeida

### **Contatos**

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| [editorgueto@gmail.com](mailto:editorgueto@gmail.com) |

### **Licença**

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

livro dezesseis

⓪

*Haverá quem desconfie da veracidade do que lerá aqui,  
mas se tratará de um ingênuo, um alienado nefelibata,  
ou um dos incontáveis desavisados que não acreditam  
que o ser humano é irreparavelmente solitário, do  
nascimento à morte...*

*(Diário do Farol, João Ubaldo Ribeiro)*

## I. Lagoa Miúda

Nem bem amanhecia o dia e Juca já estava no costão, agachado em cima da Pedra do Navio. Desmanchavam-se em pancadas as ondas provocadas pelo vento leste. Fazia sua costumeira observação matinal antes de pôr a isca no anzol e jogar a linha metros à frente, com o caniço de pesca profissional que tinha ganhado do Goiá, presente da última visita do amigo à cidade, o centro distante da Ilha do Marechal, já havia incontáveis meses. Jogou a linha e esperou alguns minutos até que sentiu a fígada. Pela força da puxada, soube que era um dos grandes, talvez uma garoupa. Iniciou então mais uma batalha das que tinha travado tantas vezes, ele em cima da pedra, uma prancha avançada sobre o mar, e o bicho dentro d'água lutando pela sobrevivência. Depois que ganhou o caniço, passou a usá-lo com mais frequência do que a tarrafa. Considerava mais prazerosa a disputa de força mano a mano com os peixes grandes. Acreditava que assim se fazia mais justa a lei do mais forte, da qual invariavelmente se beneficiava, e a sensação de recompensa pela captura do animal era mais intensa. A mesma sensação que tinha agora ao puxar para si um robalo flecha — peixe nobre nos restaurantes pomposos da cidade, presença corriqueira naquelas águas —, equilibrando-se sobre os calcanhares. À medida que o peixe ia subindo à superfície, Juca se posicionava mais ao centro da pedra, até que o animal atingiu a borda e foi arrastado para os pés do seu predador. Cerca de dez quilos, segundo o olho do pescador. O peixe fez um barulho grave ao se debater na laje, movimento logo estancado pela firmeza das mãos negras do homem sobre a prata cintilante das escamas, que refletiam os primeiros raios do sol da manhã. Juca ergueu o peixe, ainda preso à linha pelo anzol, e o apoiou nas costas, sentindo a água fria lhe molhar a pele. Desceu as pedras do costão em direção ao capão, eufórico por mostrar aos companheiros o alimento do dia.

O capão, que existia ao pé do morro, onde a areia da praia fazia limite com a mata fechada, era ocupado por uma única habitação, um barraco de madeira

que abrigava um colchão de solteiro, alguns objetos pessoais e alimentos embalados em sacos plásticos, potes de farinha, açúcar, café e sal. Quem dormia no barraco era seu Durval, uma espécie de comandante do pequeno grupo e guardião daquela área, que compreendia da metade da praia a partir da lagoa até o imponente costão esquerdo de enormes pedras cravadas no mar revolto. O outro lado da praia, da margem direita da lagoa até o costão direito, esparramado aos pés do Morro da Rainha, em cujo cume se avistavam as dezenas de pedras pontiagudas dispostas em círculo, formando a grande coroa que justificava o nome da montanha, ficava por conta do velho Tibério. Os dois anciãos, de personalidades contrárias, sentiam-se responsáveis pelo zelo e pela preservação daquela que ainda era uma das poucas praias intocadas da Ilha do Marechal, desde que escolheram isolar-se dos transtornos da cidade e viver em meio à mata, à lagoa, ao mar, à areia e à aura mística da Lagoa Miúda.



Durval, mais expansivo, gostava de conversar com os visitantes em volta do fogão à lenha, do lado de fora do barraco. Tratava todos bem, salvo quando algum desavisado fazia algo que ia contra as regras do capão, em geral relacionadas à limpeza e à manutenção da boa convivência em grupo. Era um homem alto e forte, descendente de alemães, sempre de chapéu de palha e um bigode abundante debaixo de um nariz avantajado. Tibério era uma figura misteriosa. Negro, baixo e franzino, tinha os cabelos compridos e divididos em grossas maçarocas que cortava à faca de vez em quando. Pouco se sabia de sua vida pregressa, apenas que vinha do Paraná e sempre havia sido um solitário. Morou na rua, rolou de abrigo em abrigo e nunca ficou muito tempo em cada lugar. Só ele sabia o que já tinha passado na vida. De vez em quando, algum visitante ganhava sua simpatia e ele permitia que frequentasse sua casa feita de barro e garrafas que colhia do lixo que os campistas deixavam para trás. Esse era precisamente o motivo pelo qual mais se aborrecia, o desrespeito dos

forasteiros com o lugar que, para ele, era sagrado. Já havia dispersado diversos acampamentos, de facão em punho, por conta da sujeira provocada por seus ocupantes. Tibério e Durval viam-se pouco, respeitavam seus espaços e entendiam a importância de cada um para o cuidado com a praia que elegeram como quintal.

Chegaram na mesma época para habitar o local, com diferença de poucos meses entre a vinda de um e de outro. Durval veio primeiro, depois de muitas visitas e longos acampamentos, em que ia levando e deixando coisas a cada estada. Foi lentamente constituindo morada no espaço em que ergueu o barracão. Ex-funcionário público e pescador por vocação, nascido na Ilha do Marechal, viúvo desde jovem, uma filha crescida morando fora do país, decidiu ficar de vez na Lagoa Miúda, com idas ocasionais à cidade para resolver questões que a vida ainda lhe exigia, episódios que serviam para reforçar a decisão de viver isolado na praia, diante do assombro da constatação de uma cidade cada vez mais irreconhecível, com o vertiginoso processo de crescimento em que tinha entrado. Tibério foi mais rápido na decisão. Depois de vagar meses pelo centro da ilha ao chegar de outra cidade, procurando o que comer e onde dormir, o andarilho ouviu falar de uma praia deserta e selvagem ao sul. Levou dias andando até dar ao pé da trilha. Quando se deparou com a imagem vista ao alcançar o alto do morro, decidiu que ficaria por lá antes mesmo de tocar os pés na areia. Quando tocou, já estava sequestrado.

A adoção da Lagoa Miúda como morada pelos dois se deu há muito tempo. Era um tempo em que a Ilha do Marechal ainda não era alvo da especulação imobiliária a que seria submetida depois. O turismo ainda não era massivo e desenfreado, como se tornaria com a propaganda governamental, sem que se fizesse nenhum esforço para uma melhora estrutural da cidade. Era um tempo em que a praia era frequentada apenas por pescadores que chegavam de barco em dias de mar mais calmo, ou pela trilha aberta por raros aventureiros. Com o crescimento populacional e o turismo explorado a todo



custo, os visitantes tornaram-se mais e mais frequentes. Surfistas, estudantes universitários, hippies, místicos, naturistas, jovens à procura de aventura, gente que buscava fugir da vida na cidade em um lugar paradisíaco encontravam na Lagoa Miúda seu refúgio. Alguns se tornavam amigos, mais de Durval do que de Tibério, iam ficando, convertendo-se em habitantes e ajudantes, como era o caso de Juca, o mais antigo companheiro de Durval, quem assumia a liderança do capão quando o velho tinha que atravessar o morro por algum motivo.



Juca saltou da última pedra do costão, a mais baixa delas antes de chegar à beira, e cravou os pés na areia úmida, repelindo a água com a força de seu peso aumentado pelo robalo pendurado nas costas. Caminhou praia acima, cobrindo os pés pela areia de um amarelo ouro desbotado. Subiu a elevação pelo caminho aberto entre a relva e desceu ao capão, sentindo o frescor da areia conservado pela sombra constante das árvores. Encontrou Goiá fervendo água no fogão à lenha para o café. Foi até a mesa de imbaúba enterrada no chão da área externa do barracão, inclinou o corpo e deixou o robalo cair lento sobre a mesa. Goiá se animou:

- Mais um robalo? Acertei no presente, hein!
- O segredo não tá no caniço, mas no pescador — retrucou Juca.
- O pescador é bom, todo mundo sabe, tanto no caniço como na tarrafa, mas é feio desprezar assim o presente de um amigo.
- Queres mais o quê? Já te agradeci. E a Lucinda? — Juca mudou de assunto.
- Ainda não apareceu. A festinha foi boa ontem com a turma que tá acampada aí — provocou Goiá.
- Uns bicho grilo daqueles. Tudo filhinho de papai. Tão aí ainda?
- Parece que vão hoje.

- Tomara. E Durval? — perguntou Juca.
- Você conhece o velho. Tá fazendo a ronda. Ver se acha lixo.
- Tá certo ele. Não dá pra dar arrego pra esses guri. Já tem café?

Goiá terminou de passar o café no pano dentro do bule e serviu uma caneca para o amigo. Como ainda era cedo para ter visita no rancho, utilizou o coador. Quando tinha gente de fora, para impressionar o visitante, Goiá preparava o café de outra forma. Colocava a água junto com o pó em uma panela e, quando fervia, tirava um pau em brasa do fogo e mergulhava na água, o que fazia com que o pó descesse ao fundo e ali ficasse depositado. Todos se impressionavam com a técnica usada, como ele próprio, na primeira vez em que viu seu Durval a exibi-la, quando era mais um turista, entre tantos que passavam por ali, e não imaginava que fosse ficar tanto tempo.

Nessa época, eram só Durval e Juca no capão e Tibério do outro lado da lagoa. Goiá foi acampar com um amigo na praia deserta e escolheu as bordas do capão para montar a barraca. Durval recebia bem os campistas. Conforme iam ganhando intimidade, deixava que usassem seu fogão à lenha, sua geladeira — um riachinho de água fresca que descia morro abaixo e fazia poça atrás do barraco — e, finalmente, que comessem sua comida e bebessem seu vinho. A primeira regra do capão vinha em forma de uma frase, muito ouvida pelos campistas novatos, quando criavam coragem para pedir algo a seu Durval.

— Queres, traz! — dizia o velho, fazendo entender que estava ali para cuidar do lugar, e não para servir aos visitantes.

Juca era mais arredo. Abusava da frase e não poupava as broncas rudes nos campistas folgados, como dizia, principalmente nos surfistas de apartamento. Muitos se revoltavam com o tratamento recebido pelo braço direito de Durval e procuravam outras plagas para se instalar. Outros entendiam a dinâmica do barracão e conquistavam a confiança dos dois, como fez Goiá. Depois de quase um mês acampado com o amigo com quem tinha ido, se desentenderam e o outro foi embora. Goiá foi ficando e aprendendo

com Juca a apanhar lenha seca para o fogo, tarrafejar, limpar peixe, pescar siri. Aprendeu também a admirar a sabedoria rústica do homem, que não dependia de ninguém para viver, tinha abdicado totalmente da vida em sociedade, tinha esquecido a família e se sentia muito bem com isso. Ocupava-se com as atividades diárias, que não demandavam muito esforço intelectual, embora exigissem experiência e aprendizado. Foi lá que Goiá ganhou o apelido, de pronto aceito e adotado. Era o nome de uma espécie de siri comum aos fins de tarde na beira do mar. Ele tinha os braços compridos e fortes, desproporcionais à estatura baixa, como o siri-goiá.

Juca era um sujeito quieto. Sério, não se abria facilmente para amizades. Não falava de seu passado. Corria à boca pequena que havia estado um tempo na prisão, cumprindo pena por um crime obscuro. Talvez assassinato. Ninguém tinha coragem de tocar no assunto, um pouco por medo da reação e um pouco por respeito a algo que certamente o causava incômodo. Algo de que queria esquecer. Nem Goiá, que tinha conquistado uma boa relação com o homem, se atrevia a perguntar sobre seu passado, muito menos Lucinda, que tinha uma relação de proximidade física, mas não íntima emocionalmente, se encorajava a questionar algo. O único que conhecia a natureza do crime, o motivo e o método, era seu Durval, porém, não abria a boca para falar sobre isso. A realidade era que Juca era inofensivo, desde que o deixassem em seu canto, executando suas tarefas e respeitando as regras da boa convivência.



Enquanto tomavam o café em silêncio, Juca e Goiá cumprimentavam com meneios de cabeça os primeiros campistas que passavam por ali em direção à praia, a maioria surfistas em busca das ondas da manhã. Surgida do caminho da praia, as pernas brancas de areia, os olhos inchados e vermelhos, Lucinda sentou-se ao lado de Juca. Fez sinal para que Goiá lhe servisse uma caneca de café. Contrariado, ele obedeceu sem dizer nada. Evitava entrar em conflito com

a moça, única mulher entre os quatro habitantes do capão. Lucinda era imprevisível, de personalidade explosiva, uma mulher livre que não se deixava submeter aos três homens. Além disso, bebia, fumava, provava de tudo que os campistas traziam de arsenal para potencializar a experiência que a estada na Lagoa Miúda proporcionava. Dormia com frequência na praia ou na barraca de um ou mais de um campista, geralmente recém-saídos da adolescência, ávidos por aproveitar as liberdades a que se sentiam impelidos a viver naquele lugar, longe das regras engessadas da cidade.

Havia sempre tensão entre Goiá e Lucinda, mas ele tinha aprendido a recuar quando ela começava as provocações. Não tinha sido sempre assim. No começo, quando Lucinda chegou ao lugar, davam-se bem, apesar das personalidades opostas. A moça, mesmo com o comportamento expansivo e sem pudores, caiu nas graças de seu Durval, que a acolheu no barraco. Logo, também ganhou espaço no círculo restrito de Juca. Assim era a vida para quem conseguia adaptar-se à realidade da Lagoa Miúda, livre de questões morais que controlavam quem estava acostumado a viver do outro lado. Ali não se detinham a coisas pequenas, humanas demais. Sentiam-se parte de algo muito maior, que a natureza lhes impunha mais cedo ou mais tarde. Eram, antes de tudo, animais. Tudo o que precisavam fazer era respeitar seus espaços e o espaço conjunto.

Quanto a isso, Juca já estava escolado. Não se sabia se pela temporada na prisão, ou talvez pelo tipo de criação a que tinha sido submetido, o fato é que era autocentrado, impenetrável, solitário. Tinha seus momentos de descontração e confraternização com os companheiros e, raramente, com um ou outro visitante, mas, na maioria das vezes, era arredo ou mesmo grosseiro. Nem com as mocinhas da cidade, cheias de boa vontade e delicadezas, era hospitaleiro. Goiá soube se aproximar do homem, conquistando pouco a pouco sua confiança. Sentia Juca baixar a guarda conforme a convivência, lentamente, virava uma cumplicidade tácita. Tornaram-se amigos a ponto de, várias vezes, Durval avistar Goiá no meio da madrugada entrando ou saindo da

barraca de Juca. Por achar que não era da sua conta, o velho nunca fez nenhum comentário a respeito disso. Já Lucinda fazia insinuações a Goiá, daí o motivo da relação conflituosa entre os dois. A verdade é que ela ressentia-se por nunca ter tido dele a atenção que queria merecer. Nas primeiras vezes, tentou aproximação. Embalada pelo álcool, exibia-se para Goiá na praia, convidava-o para tomar banho de lagoa, dizia-se cansada quando ia alta a noite e deitava-se nua na barraca aberta, iluminada apenas pela luz da lua. Goiá não esboçava reação às provocações e, com o tempo, passou a demonstrar desconforto diante delas. Foi aí que Lucinda começou a desdenhar e debochar dele.

• • •

Lucinda tomou seu café, Juca não disse uma palavra a ela. Não que sentisse ciúmes, mas não lhe agradava as noitadas da mulher com os campistas. Juca não podia proibir os acampamentos, embora às vezes tivesse vontade, mas gostava que fossem bem delimitadas as relações entre os forasteiros e os moradores, para mostrar quem tinha autoridade no lugar. Apesar disso, respeitava a posição de seu Durval a receber todos bem, desde que não houvesse abusos. Tinha que tolerar os visitantes. Goiá mantinha-se fiel ao amigo, enquanto Lucinda dava-se com todos com desenvoltura e desapego.

Juca enfim quebrou o silêncio:

— Dormisse na praia, foi?

— Dormi — Lucinda parecia ainda não estar plenamente desperta.

— Ninguém quis te dar abrigo?

— Não fico andando atrás de abrigo, tenho a minha barraca. Dormi na praia e dormi bem — Lucinda falava ao mesmo tempo com firmeza e desimportância.

— E os bicho-grilo não vão embora?

— Vão levantar acampamento amanhã. São gente boa, sabe? Tu devia te dar uma chance, ir te divertir com a molecada.

— Se eu quisesse me divertir com alguém, tava na cidade — fechou-se Juca.

— Mas aqui até que tu tem alguma diversão. Não é? — Lucinda direcionou um meio sorriso a Goiá, que balançou a cabeça em desaprovação.

— Não sei — respondeu Goiá, deixando a caneca de café sobre a mesa e saindo em direção à praia.

Lucinda pôs-se a rir. Juca, com a brabeza de costume:

— Olha aqui, fica na tua, mulher. Deixa cada um viver sua vida. Ninguém te enche o saco pela tua loucura.

Lucinda recuou:

— Relaxa, Juca. Só brinco com ele porque ele fica puto. Não tô aqui pra cuidar da vida de ninguém, não. Aliás, hoje à noite vou dormir cedo, tô cansada, minha barraca vai ficar aberta. Faz tempo que tu não me faz uma visita.

— Faz — respondeu Juca, como que ignorando o convite. Entrou no barraco e saiu com o machado na mão, subiu a trilha estreita atrás do riachinho e sumiu no mato em busca de troncos secos para a lenha.

• • •

Sentado na Pedra do Navio, Goiá refletia sobre a atração que a Lagoa Miúda exercia sobre ele. Sabia que, mais do que a exuberância da natureza, o que o atraía era a possibilidade de isolamento. A vida sem representações nem máscaras, tão diferente da que tinha deixado para trás em São Paulo, onde ganhava um salário razoável como biólogo. Porém, lá não conseguia usufruir com satisfação o que o emprego e o salário lhe traziam, o que chamariam de felicidade. Não se sentia pleno, queria mais. Queria descobrir o que queria, sem a interferência da família, dos amigos quadrados, das namoradas

asfixiantes. Então começou a frequentar outros círculos, ia sozinho a bares, inferninhos, mas tampouco encontrou satisfação. Comprou uma bicicleta, começou a pedalar à noite, descobriu grupos de ciclistas, pedalavam juntos. Daí passou a viajar para fazer trilhas, conhecer praias. Foi de bicicleta parar na Ilha do Marechal com um amigo do grupo, em uma viagem de um mês em que desceram ao sul pelo litoral. Deixaram as bicicletas guardadas em uma casa do outro lado da trilha. Um dia se desentenderam quanto aos rumos da viagem. Goiás tinha sido fisgado pela praia, queria ficar mais. O amigo foi embora, Goiás ficou, depois cedeu a bicicleta parada para o filho do dono da casa onde a tinha deixado. Quando precisasse dela de volta, pediria. Mas não sabia quando. Já fazia dois anos que estava lá e ainda não tinha vontade de ir embora. Largou o emprego, a família ficou possessa. Havia meses não dava notícias, a última vez tinha sido quando acompanhou seu Durval ao centro para algumas tarefas, quando comprou o caniço para Juca. Da ponta da pedra, avistou seu Durval com um saco de lixo na mão. Mais uma vez, campistas irresponsáveis sujavam a praia. Se fosse seu Tibério, resolvia no facão, por isso os visitantes preferiam o capão de seu Durval. Às vezes, tinha vontade de ser como Juca e proibir os forasteiros, mas então lembrou que ele próprio era um. Aliás, quem não era naquele lugar?

• • •

Durval passou a primeira hora da manhã fazendo ronda pela praia. Recolheu alguns sacos plásticos e duas garrafas de vinho, as quais levaria para Tibério; o velho tinha retoques constantes a fazer na casa. Ao passar pela lagoa, cruzou com Lucinda saindo da água.

— Bom dia, Lucinda.

— Oi, Durval querido — Lucinda sempre o tratava com carinho. — Muito lixo hoje?

— O de sempre. Sabe como é, tem uns vagabundo que não têm jeito, só dando uma coça mesmo. Isso que a gente cuida, tá sempre de olho, imagina se não tivesse aqui pra proteger a nossa praia.

Durval se sentia dono da praia, mesmo tendo consciência de que jamais seria. Acreditava que, se não morasse ali, aquilo já teria virado terra de ninguém, lixo por todo lado, desmatamento, sem falar nos aventureiros, a quem chamava vagabundos, gente que não prestava e ia buscar abrigo por lá. Em todos esses anos, tinha tido alguns episódios com agentes da prefeitura. Tentavam tirá-lo de lá, por seu barraco ser irregular, mas o acabavam esquecendo, afinal, o velho não fazia mal nenhum ao lugar, ao contrário, ajudava a preservá-lo.

Durval chegou ao fim da trilhazinha que levava à casa de Tibério e chamou por ele. Como não teve resposta, deixou as duas garrafas na entrada e foi para o capão.



Juca voltou com um molho de lenhas presas por cipó pendurado às costas. Encontrou Durval na porta do barraco. Virou-se para a mesa e disse para o velho:

— Dá uma olhada ali no bicho que eu fisguei.

— Eu vi. Coisa linda! Isso merece um caldo daqueles. Um presente pra essa gurizada que, tem dias, não vê comida de verdade.

— E tem graça isso? Eu me arrisco na Pedra do Navio logo cedo, enquanto todo mundo ronca nas barracas, e depois ainda ganha comida de graça? Não dá pra facilitar muito a vida deles, Durval.

— Juca, todo mundo aqui busca a mesma coisa, cada um do seu modo. A gente tem que conviver de algum jeito. Por mais que se queira, a gente não é dono daqui. Vamo acolher os guris — determinou o velho.



Juca fez menção de argumentar mais, mas calou ao admitir que Durval estava certo, além do mais, dificilmente ganharia uma discussão com o velho. Por mais democrático que fosse o convívio, o habitante mais antigo ainda tinha autoridade sobre os outros na hierarquia do barracão. Haveria caldo para todos.

• • •

Lucinda ficou encarregada de dar o recado aos campistas, Durval os convidava para um caldo de peixe mais tarde. Todos responderam ao convite com entusiasmo, embora estivessem bastante preocupados com um deles. Havia três dias o rapaz não dormia, tomara um chá de cogumelos, de cujo efeito todos se livraram, Lucinda inclusive, menos ele, que tinha entrado em uma espiral de delírios, falava coisas desconexas e parecia não reconhecer os amigos. Durante dois dias, andava errático pela praia, assustando os visitantes desavisados, embrenhou-se no mato, perdeu as roupas e invadiu em uma barraca perto da área do Tibério, o que quase lhe custou um golpe de facão. Voltou uma vez ao seu acampamento, em um momento de semilucidez, foi vestido pelos amigos, mas logo se meteu de novo pela praia e sumiu nas pedras do costão. Os amigos planejavam prendê-lo quando aparecesse de novo e levá-lo à força para o outro lado do morro, de onde telefonariam para seu pai ir buscá-lo, enfrentando o constrangimento diante do homem, um advogado rigoroso, certamente transtornado ao ver o filho delirante. Sentiam-se um tanto responsáveis pelo estado do amigo. Mas, afinal, não poderiam imaginar que ele teria aquela reação ao chá, já que todos tinham bebido e estavam sãos, tentavam amenizar a culpa. De qualquer forma, ficavam mais um dia acampados, na esperança de que algo o arrancasse do surto. Senão, sairiam à caça do amigo e teriam que encarar seu pai. Apesar disso, os dias na Lagoa Miúda foram inesquecíveis e uma refeição na casa dos guardiões do lugar viria para celebrar a estada. Aceitaram orgulhosos o convite.

## II. O ímpeto

Juca cortou a lenha e alimentou o fogão. Em uma panela grande, mergulhou a cebola, o tomate, o alho, e usou as cascas de camarão guardadas do dia anterior para fazer a base do caldo. Colocou também a cabeça do peixe no fundo da panela e deixou que soltasse suas essências. Além de saber lidar com os peixes no mar, sabia também como tratá-los no fogo. Agora sentia até uma ponta de satisfação ao pensar nos elogios que ouviria sobre suas habilidades culinárias. Goiá surgiu com uma penca de mariscos em cada mão. A maré tinha baixado e ele não resistiu à vontade de entrar na água e desprender das pedras as conchas que se revelavam a cada recuo do mar. Mais uma atividade aprendida com Juca, mesmo que tivesse uma relação de desconfiança com as ondas, desconfiança e respeito que ele esperava nunca perder, pois isso o fazia entrar apenas quando estivesse totalmente seguro de que não seria surpreendido pelas correntes geladas. Largou os mariscos sobre a mesa, separou alguns para a chapa, o resto iria para dentro da panela. Juca animou-se, entrou no barracão e voltou abrindo uma garrafa de cachaça.

— Marisco pede uma caninha. Vai?

— Tá um pouco cedo pra mim, mas vamos nessa — aceitou Goiá.

Lucinda juntou-se a eles. Percebia que, apesar da aparente malvadeza de Juca, na verdade uma representação para manter distância dos outros, havia nele momentos de um prazer tímido ao dividir a companhia com outras pessoas, especialmente com o improvável companheiro Goiá. Passaram a tarde bebendo em volta do fogão, provando do caldo de vez em quando e abrindo um ou outro marisco da chapa. No fim da tarde, Durval trouxe um balaio de siris recém-capturados na beira da praia.

— Era tanto que era só arrastar a coca assim sem nem olhar que já vinha um agarrado — disse o velho, satisfeito.

A caldeirada estava completa.



Os campistas chegaram quando Juca jogava os siris vivos no caldo fervente. Os bichos tentavam escalar a parede da panela, iam caindo rosados em meio à carne branca do peixe e as conchas abertas do marisco, o que chocou uma das meninas, que nunca tinha comido siri, muito menos visto sua preparação. Eram duas moças e três rapazes, muito jovens, cinco do grupo de seis que estavam acampados perto do capão. Chegaram um tanto tensos e envergonhados, mas se soltaram logo que Durval serviu o vinho do garrafão. Mesmo Juca ofereceu sua cachaça. Tomaram. À medida que iam servindo do vinho e do caldo, a conversa ia fluindo e iam encontrando semelhanças surpreendentes para pessoas tão distantes. No fundo, como tinha dito Durval, todos estavam ali pela mesma razão e, portanto, eram iguais. Não comentaram sobre o amigo sumido, apenas Lucinda sabia. Encorajado pelo clima amigável da noite que caía, um dos jovens tirou um baseado do bolso e mostrou a Durval.

— Posso? — perguntou. Os amigos apreensivos.

O velho silenciou um instante.

— Aqui a lei lá do outro lado não vale nada. Claro que pode! — disse, por fim. — O que é da natureza não faz mal.

— É isso, seu Durval, o que é da natureza não pode fazer mal ao homem.

— Aí tu te enganas. O homem que não sabe usufruir da natureza acaba se dando mal. Que se acha superior a ela. Que quer tirar mais do que ela pode dar. Depois ela cobra de volta. Até isso aí pra quem não sabe usar, pra quem não tá com a cabeça boa, faz um mal danado. Deixa ruim de vez.

— Pois é, seu Durval. Mas o senhor sabe que a própria natureza pode fazer mal a ela mesma? Por exemplo, essa árvore aí — apontou para um cambará que pendia do pé do morro, inclinado sobre a área do barraco. — Essa árvore tá tomada pelo cipó, com o tempo ela pode chegar a morrer sufocada e cair em cima do barraco.

— Mas onde tu ouvisse essa asneira, guri? — indignou-se o velho. — E tu achas que a natureza vai fazer uma coisa dessas contra ela própria? O cipó matar a árvore, onde é que já se viu! Então o cara vai pra faculdade e acha que entende alguma coisa da natureza! É isso que andam ensinando por lá, é? Não fala bobagem, rapaz! Uma mãe espera nove meses pra nascer um mazanza desse! — riu o velho, seguido da risada do Juca e de um titubeante Goiá.

O rapaz se calou e tragou o baseado. Assim era a conversa no barraco. Nunca se sabia o que se podia dizer que fosse agradar ou desagradar o velho.

— Bom, a conversa tá boa, mas eu vou dormir que amanhã eu levanto cedo. Não sou como vocês que ficam de manhã assando na barraca. Pode terminar o vinho. Boa noite — despediu-se Durval.

Lucinda quebrou o silêncio:

— Não liga, não. O velho é assim mesmo. Com o tempo a gente se acostuma. Que tal a gente terminar esse vinho na praia? O céu tá lindo!

Recolheram a louça, agradeceram a Juca pela janta e o convidaram junto com Goiá para irem à praia. Arredio novamente, Juca negou. Goiá disse que ia depois. Lucinda prendeu uma risada com a mão na boca e foi à praia com os campistas.

A noite havia envolvido por completo a praia, já não restava nenhum resquício do lilás que, minutos antes, contornava as bordas do mar lá adiante. Apesar da noite completa, podiam-se distinguir os rostos uns dos outros através de uma luz misturada entre o azul e o prata, como se o ar estivesse cheio de uma névoa fina que descia até a areia. O céu estava repleto de estrelas. Era incrível a profusão que era avistada no céu da Lagoa Miúda. Era quase inacreditável que fosse o mesmo céu que se via também da cidade, onde a iluminação artificial apagava a luz que, ali da areia da praia, era estonteantemente presente, fazendo parecer que os pés pisavam o solo de algum planeta ainda não descoberto, um parente distante da Lua. Atiraram-se na areia e só o que podiam falar era sobre o quão impactante havia sido a experiência naquela praia, dias que pareciam deslocados do tempo cronológico

que marcava suas rotinas na cidade, dias inesquecíveis, mesmo com a situação do amigo surtado, ou talvez isso contribuísse para o caráter inesquecível da experiência, algo de que se lembrariam com humor depois, quando a loucura do amigo tivesse passado e tudo tivesse virado apenas memória divertida. Logo, o amigo voltaria ao normal e eles iriam embora como tinham vindo, todos juntos e conscientes, não sem antes zombar muito dele, por não aguentar um chazinho, queriam acreditar.

• • •

Era madrugada quando Juca foi acordado por mãos que sacudiam seus pés. Ainda na instabilidade entre o sono e a materialidade enérgica das mãos que o tocavam, Juca demorou a reconhecer Lucinda na penumbra. No primeiro momento, enquanto a consciência se recompunha, pensou que ela estivesse o chamando para ir à sua barraca, como já tinha feito outras vezes, mas se convenceu não se tratar disso quando viu o rosto transfigurado da mulher. Os olhos arregalados brilhavam, felinos, na entrada da barraca. Quando os olhos de Juca terminaram por encontrar o foco, Lucinda, a voz saindo a rasgar a garganta, finalmente lhe disse:

— Juca, uma coisa horrível! Precisamos de ti na praia! Vem, Juca!

— O que foi, mulher? — perguntou, confuso, sem saber se levava a sério o que poderia ser mais uma das loucuras de Lucinda.

— A menina, Juca! Ela se afastou da gente dizendo que não tava bem, que ia pra barraca. Ninguém deu bola, ficamos lá fumando e bebendo. Caímos no sono ali na areia mesmo, não sei por quanto tempo. Dali a pouco a gente levantou, eu fui com eles pro acampamento. Uma coisa horrível, Juca! Ela nem tem dezoito anos. Vem logo, Juca!

Juca acompanhou Lucinda, tentando encontrar sentido em sua fala atordoada, nunca a tinha visto tão séria, com tanta gravidade na voz. Ela o levou até o acampamento dos jovens, suas silhuetas escuras cortavam o ar da

noite. Deitada em frente a uma barraca, estava uma das moças, desacordada, a cabeça no colo de um dos rapazes. Outro rapaz tentava vestir o *short* enrolado à calcinha na perna direita da moça. O terceiro rapaz andava de um lado para o outro com as mãos na cabeça. Estavam em silêncio, exceto a outra moça, que chorava sentada no chão, as mãos enterradas na areia, como se quisesse arrancar dali qualquer coisa. Juca se aproximou, agachou-se para enxergar melhor o que ocorria. A jovem desacordada estava suja de vômito e areia, tinha um dos olhos inchado e um arranhão lhe sulcava o rosto da testa à boca. Ela tinha a respiração pesada e emitia um ruído gutural.

— Vai chamar o Goiá! — Juca pediu à Lucinda, que correu para o barraco. Em seguida, para os campistas: — O que aconteceu aqui?!

O rapaz que segurava a cabeça da menina contou a mesma coisa que Lucinda. Estavam na areia olhando as estrelas quando ela foi para a barraca, dizendo se sentir mal. Adormeceram, não ouviram nada, não sabia por quanto tempo ela estava ali. Não acreditava no que acontecia. Falava em um tom infantil, como se justificasse um malfeito a um preceptor. Juca aproximou-se da moça, ajudou a vesti-la, tentando evitar olhar seu corpo. Assim de perto, parecia ainda mais nova, quase impúbere, o olho inchado e o arranhão no rosto inaugurando na pele futuras cicatrizes.

Goiá chegou com Lucinda trazendo uma garrafa de água. Limpou o vômito do rosto e dos cabelos da moça e a virou de lado. Ela balbuciou algo ininteligível e voltou a vomitar. Ele despejou mais um pouco de água em sua boca, a maior parte contornava seus lábios e escorria pelo pescoço. Dirigiu-se aos rapazes:

— Pega ela e leva pro outro lado. Bate na terceira casa depois da trilha e chama o seu Valdir. Ele vai ligar pra emergência.

— Mas e as nossas coisas? — questionou um dos rapazes.

— Numa situação dessa tu tá preocupado com as coisas?! E a amiga de vocês?! Depois tu volta pra pegar as coisas. Pega ela e vai chamar ajuda, seu merda! — bradou Juca.

— Eu também vou! — levantou-se a outra menina, que até então não tinha parado de chorar na areia.

— Vou com vocês — Lucinda se ofereceu.

— Vai logo, porra! Goiá, vem comigo. — ordenou Juca.

• • •

Juca saiu na frente do Goiá:

— Vamo atrás de quem fez isso.

Goiá o seguia mudo, a visão da menina desacordada em seus braços não lhe abandonava. Era difícil de acreditar que algo naquele grau de torpeza pudesse ter acontecido naquele lugar. Nos dois anos em que lá estava, nunca tinha presenciado algo tão cruel, ainda mais contra uma moça tão jovem, sem dúvida deslumbrada com as possibilidades de liberdade que a praia oferecia. Estava acostumado com a rudeza de Juca, com a aridez de Tibério, com a imprevisibilidade de Durval, com a irresponsabilidade de Lucinda, tudo isso era parte do jogo de convivência na Lagoa Miúda, contribuía para a atmosfera natural do lugar, mas a violência da qual a menina tinha sido vítima ultrapassava qualquer compreensão, acabava com o encanto tão bem construído e preservado durante todo aquele tempo. Aquele ato, feito por quem quer fosse, subitamente o fazia questionar sua escolha, o radicalismo da mudança de vida, colocava-o frente a uma realidade que ele acreditava estar muito distante, em um outro mundo vil, que até então não guardava nenhuma relação com aquele. Mesmo assim, o ato era uma realidade agora, e eles precisavam ao menos tentar encontrar quem o tinha perpetrado.

Os dois rodaram em volta do acampamento dos meninos, foram até o costão esquerdo e depois voltaram por dentro do capão, prestando atenção a qualquer barulho ao pé do morro que denunciasse alguma movimentação. A madrugada avançava lenta, apenas as ondas quebrando ao longe, os insetos e os pássaros noturnos coadunavam-se para não perturbar o mantra quase

silêncio da noite. Cruzaram a área do barraco e foram em direção à lagoa pela trilhazinha atrás do riacho. Ao chegarem na duna que descia até a água, pararam e observaram as margens por um momento. Juca estava calado. Mais do que de costume. Tudo nele vibrava raiva, como se explodisse para dentro. Irradiava no ar serenado o brilho lacrimejante do animal notívago. De repente, levantou de leve a cabeça, as orelhas ergueram-se aguçadas. Do outro lado, na beira da lagoa, perto da área do Tibério, alguém se banhava. Desceram sorrateiramente a duna e margearam a lagoa até chegar a uns vinte metros da pessoa. Reconheceram a silhueta de um homem nu saindo da água, apoiando as duas mãos no chão, como um macaco.

— Ei! — Juca gritou.

O homem correu para a praia em direção ao Morro da Rainha. Eles correram atrás. Juca sempre na frente, as pernas habituadas a resistir à fundura da areia fina. Não demorou para encurtar a distância do fugitivo. O homem demonstrou cansaço e se atirou na areia. Juca se atirou em cima dele, forçando o antebraço em seu pescoço. O homem se debatia, com os pés, arrancava a areia úmida de sereno, polvilhava as costas e a cabeça do seu perseguidor que pesava o corpo sobre ele.

— Foi tu que fez aquilo com a guria?! — inquiriu Juca, tomado por uma gana manifestada pelo braço pesando mais e mais no pescoço.

Goiá se aproximou, a respiração dificultosa da corrida na areia. Ficou em pé, a fim de dar auxílio a Juca se o homem escapasse. Girou em volta dos dois e pôde ver o rosto assustado debaixo do inquiridor cego. Era um garoto, mais ou menos da mesma idade do grupo que tinha acabado de subir a trilha carregando a amiga violada. Não falou nada, ficou olhando para dentro de Juca, sem desviar os olhos esbugalhados do amigo.

— Responde, porra! — o rapaz não dizia nada, pressionado contra a areia. — Ah, tás fodido!

Juca o ameaçou, mas o garoto manteve o olhar fixo em seus olhos e, de repente, deu um sorriso.



— Filho da puta! — Juca deu um soco em seu rosto. — Me ajuda a levar essa porra pro barraco, Goiá!

A essa altura, Goiá não tinha certeza se queria participar da captura. Não demonstrava a mesma vontade de Juca de punir o agressor. Nem mesmo sabiam se quem capturavam era o agressor, embora Juca não denotasse dúvida. Goiá agora apenas desejava não estar ali, não ter presenciado a cena da menina vitimada, mas não tinha como barrar o ímpeto furioso do amigo. Juca parecia estar tão certo em sua raiva, que Goiá não teve outra escolha senão ajudá-lo a levantar o rapaz atordoado, que tentou resistir, mas levou outro soco e teve o braço torcido atrás das costas. Os dois o levaram para o capão, perto de suas barracas. O sangue pingado de seu nariz deixou um rastro fino pela praia. A madrugada ainda duraria algumas horas. Durval dormia.

• • •

O dia amanhecia. Durval levantou-se no horário de costume, mas dessa vez algo fora do comum o tinha despertado. Assim que abriu os olhos, ouviu os gemidos vindos do fundo do barraco. Saltou da cama e foi até lá. Ficou chocado com o que viu. Ao lado da barraca de Juca, um rapaz magro, nu, pendia o corpo para frente com os braços presos atrás do encosto de uma cadeira torta. Em sua cabeça baixa, de perfil, como se estivesse presa ao tronco por um fiapo, podiam-se ver os hematomas e o rosto deformado. Pelo feitio do corpo, podia-se deduzir que era bastante jovem, como um dos tantos campistas que circulavam naquela praia. Durval não soube o que fazer imediatamente, tão incomum era a cena, até que da trilha do riachinho vieram Juca e Goiá carregando uma panela cheia de água.

— Mas o que é isso?! Vocês tão loucos?! Quem é esse cara?! Quem fez isso com ele?! — as perguntas não cessavam de surgir.

— Calma, Durval! Esse amarelo abusou de uma moça, uma daquelas que jantou aqui com a gente ontem. A gente deu um corretivo nele! — Juca explicou.

Goiá tentou se isentar:

— Eu tentei acalmar o Juca antes de ter certeza de que era mesmo o cara, mas ele disse que tava certo.

— E tu não viu o sorriso de deboche que o folgado me deu?! É claro que foi ele! Deixa de ser frouxo, Goiá! Aprendi a lidar com estuprador há muito tempo, com essa raça é na porrada!

— Desamarra o guri! Sendo ou não sendo ele, tu não sabe o que pode ter arrumado pra cabeça. Vocês enlouqueceram?! — disse Durval, ainda atônito.

Juca apoiou a panela no ombro e a virou na cabeça do rapaz, que tremia e gemia baixo. Em seguida, Goiá desamarrou os braços da cadeira e o corpo mole desabou no chão.

— Traz ele pro barraco. Vamo ter que dar um jeito nisso. Goiá, vai chamar ajuda. Seja o que Deus quiser.

Deitaram o rapaz na cama do barraco. Durval lhe virou paulatinamente a água de um copo na boca.

— É um guri, Juca. Vocês enlouqueceram? — era só o que conseguia dizer.

• • •

Lá pelo meio da tarde, o helicóptero dos bombeiros pousou na praia. O rapaz enfim disse seu nome e perguntou pelos amigos. O sobrenome não era desconhecido. Os bombeiros o amarraram na maca e o carregaram até o helicóptero. Da entrada do capão, observavam a decolagem Durval, Juca, Goiá e Lucinda, esta já certa de que o rapaz era o campista surtado.

— Isso não vai terminar bem, Durval. Os meninos são bem nascidos, educados. Vai dar uma merda grande — sentenciou Lucinda.

Durval não era capaz nem de se indignar com o companheiro. Estava cercado de tristeza, pressentia que a fantasia de capitão de um grupo que guardava aquele lugar, tido por muitos como mágico, atingira um limite irrevogável. Mas não era fantasia, aquela vida para ele era a realidade, era a sua vida, a única que sabia viver desde que conheceu o lugar que o transformou, a ponto de deixar tudo do outro lado para viver aquele sonho. Talvez ele próprio tivesse perdido o controle em permitir que mais pessoas viessem transformar o lugar e a sua vida ali. Talvez fosse inevitável que algo parecido com o que tinha ocorrido na noite anterior acontecesse. Talvez nenhuma pessoa estivesse livre de sua condição tragicamente humana, de sua imperfeição, de sua violência.

— Talvez seja melhor dares um tempo fora daqui, Juca. Não vais querer te complicar de novo, ou vais? — Durval sugeriu, sem deixar escolha.

— Eu não vou te deixar sozinho aqui, Durval — tentou resistir Juca.

— Eu quero ficar sozinho — e, para Lucinda e Goiá: — Vocês também. Voltem quando as coisas se resolver.

### III. Hematomas

Eu não sei bem por que voltei ao lugar onde isso tudo aconteceu. Passei décadas evitando me lembrar daqueles dias, embora eles insistentemente voltassem a me encantar e assombrar em sonhos. Por mais esforço que fizesse para esquecer a Lagoa Miúda e seus personagens, mais vivos eles vinham à memória. Nas poucas vezes em que passei perto da rua que leva àquela trilha, um magnetismo estranho parecia me puxar para o pé do morro, como se meu inconsciente quisesse me curar de algo que nunca ficou resolvido dentro de mim, algo que só seria resolvido se eu voltasse a atravessar a trilha que percorri com meus cinco amigos. Mas, durante todo esse tempo, eu ignorei esse magnetismo, preferi fingir que o lugar não existia, ou que não passava de uma lembrança de alguém que não era eu, o que não é de todo irreal, porque naqueles três dias, até a hora em que desci do helicóptero no hospital, eu era outro. Pensando bem, eu sei por que voltei ao lugar. Voltei para expurgar de vez essa história. Para definitivamente sanar os hematomas que ficaram marcados por baixo da minha pele esses anos todos.

Eu percebi que nunca ia saber o que de fato aconteceu. A minha amiga também nunca soube quem fez — fiz? — aquilo com ela. Já estava inconsciente no momento. A volta àquela praia me despertou muitas recordações e fez com que eu fizesse as pazes com o lugar. Os primeiros dias de acampamento, dias sem a limitação dos dias, dias sem tempo, os dias antes do chá. Precisava também fazer as pazes com os antigos habitantes. A maneira que encontrei para me livrar desse tormento foi contar a história, recriando-a, não para encontrar um culpado, mas para apontar uma possibilidade de como as coisas teriam acontecido. Os personagens desta história são reais, e alguns dados de suas vidas também, com base no que meu pai conseguiu apurar na época. Mesmo que meus dois algozes já estejam mortos, o que é bem provável, isto serve como forma de eu compreender seus motivos, e é também uma espécie

de anistia particular para o crime — meu crime? — que a essa altura já prescreveu.

A praia não mudou nada, continua intocada, exatamente como quando a conheci. Apenas a trilha parece muito mais íngreme e difícil de ser vencida agora, mas isso sem dúvida se deve à minha disposição e resistência do meu corpo. O capão de seu Durval continua lá, mas do barraco resta apenas uma parede coberta pelo mato. A casa do Tibério está intacta. Talvez tenham mantido assim por respeito ao velho andarilho que se recusou a deixar o lugar que escolheu como última parada e preferiu dar cabo à existência pendurado pelo pescoço em uma árvore da sua mata. O local continua sendo refúgio do mesmo tipo de gente de décadas atrás, e tenho certeza de que sempre será, porque os desejos e as recusas das pessoas continuam os mesmos, e a mística da Lagoa Miúda parece não ter fim.

**Neno Moura** nasceu em Florianópolis em 1983. Ele mesmo é quem se apresenta aqui, mas finge que é outra pessoa. Finge que é músico para não trabalhar. Finge que trabalha para se ocupar. Finge que se ocupa para não pensar. Neno Moura não é escritor.

Tem textos publicados em *Jornal RelevO*, *Revista Libertinagem*, *Revista Gueto* e *Jornal Ô Catarina!*. Tem doze títulos para um livro de contos que não publicará. Escreve (e apaga) esporadicamente no blogue Palavra Provisória.



**selo gueto editorial**

este projeto digital é destinado a correr livre na rede  
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo